

***Relatório semanal de Conjuntura
e Mercado Financeiro***

(Período de 19/01/09 a 23/01/09)

Como injetar confiança em consumidores e empresários para incentivar investimentos em um país afundado na crise, em um mundo onde as perspectivas até agora são de um 2009 ruim, pelo menos no primeiro semestre?

Pois bem, para tanto é preciso ser Barack Obama. Novo presidente dos Estados Unidos, que tomou posse na terça-feira, mas que já assume com uma popularidade de 80%. Até mesmo nas cidades do Sul, que não votaram nele, agora acham que o melhor candidato foi realmente eleito. Para melhorar, já começa cumprindo promessas de campanha – nada melhor para passar confiança –, fechando a prisão de Guantánamo, estabelecendo normas de conduta contra o lobby e pregando a transparência no governo. Obama precisa aproveitar a onda, anunciar logo seu plano, adotar medidas ousadas e aproveitar a força do imenso capital político que o povo deu a ele.

Mas sua tarefa será árdua e, para complicar, ele chega no olho do furacão. Bastou chegar a temporada dos balanços bancários, que as ações dos bancos despencaram, a onda de insegurança recomeçou, Washington e Londres foram mais uma vez chamados a socorrer, com o dinheiro do contribuinte, as debilitadas instituições financeiras. Parece que estamos no começo da crise, ou melhor, no recomeço. A economia real já foi afetada e até os BRICs, até então promessas, estão crescendo e crescerão menos. Para piorar, o dinheiro previsto no pacote de ajuda de Obama pode, de um lado, ser insuficiente e, por outro, enfrentará os limites para o uso de dinheiro público, porque no ano fiscal de 2009 o déficit pode chegar a US\$ 1,3 trilhão.

Toda a força de Obama será testada logo no começo de seu mandato, o plano precisa passar e funcionar, a questão ambiental e climática precisa ser o grande diferencial do governo. Uma boa linha de raciocínio seria, por exemplo: produzindo mais energia alternativa, melhorando a eficiência energética, incentivando a produção de carros com outras fontes de energia, o país vai, ao

mesmo tempo, criar novos empregos e reduzir as emissões dos gases de efeito estufa.

Para ajudar, Obama se cercou de assessores competentes e influentes, e conta com a competência do Grupo dos 30 - 30 economistas, entre eles vários ex-presidentes de bancos centrais, como Armínio Fraga, do Brasil – que fizeram uma proposta de nova regulação para o mercado financeiro e chegaram à Obama através de seu assessor Paul Volcker. A falta de regulação no mercado financeiro, principalmente nos Estados Unidos, é apontada como um dos grandes desencadeadores da atual crise. O Grupo dos 30 redigiu um documento onde traz recomendações objetivas para todos os governos sobre a matéria. Consta que todas as instituições financeiras sejam reguladas, mesmo com graus diferentes de supervisão, dependendo da natureza da instituição, inclusive os hedge funds e todas as que executam atividades quase bancárias. Outro ponto é o papel das agências de classificação de risco: no modelo no qual trabalham elas são pagas não pelos usuários da classificação de risco, mas pelos emissores de papel. Sugerem ainda algum tipo de limite da alavancagem, e propõem que os órgãos reguladores corrijam as falhas e contradições que existem entre eles, que podem ser usadas pelos participantes do mercado.

No Brasil temos um mercado bem regulado, estamos passando pela crise sem maiores sustos, apesar de estarmos bem dentro dela. O perigo iminente aqui é a atuação do governo, que precisa usar corretamente o dinheiro público de que dispõe. Em crises anteriores caía a produção industrial, a demanda, e só então aconteciam, depois, as demissões. Nesta crise tudo foi afetado muito mais rápido, os números de dezembro mostram que o desemprego chegou junto com a queda na atividade e na demanda. É o momento de reduzirmos os custos trabalhistas e tributários das empresas, sem beneficiarmos setores específicos ou aumentarmos a exposição ao risco dos contribuintes enchendo os cofres de bancos públicos que só financiam as grandes empresas.

Cenário Internacional

O FMI deve reduzir consideravelmente suas projeções de crescimento, segundo indicou o diretor-gerente do Fundo, Dominique Strauss-Kahn, em entrevista ao programa Hard Talk, da BBC. Segundo Strauss-Kahn, a retração econômica nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha devem chegar perto de 2%, e as economias emergentes, entre elas o Brasil, devem sofrer desaceleração maior do que a esperada. Strauss-Kahn também não descartou que mais países venham a precisar da ajuda do fundo, inclusive na Europa, e afirmou que o FMI poderá precisar de mais dinheiro caso a crise siga no mesmo ritmo pelos próximos meses. Apesar do cenário negativo, Strauss-Kahn está convencido de que o mundo vai se recuperar da crise, só não sabe, porém, quanto vai custar e quanto vai demorar.

Em relação à situação dos países emergentes, o Banco Mundial anunciou na quarta-feira que espera uma contração de 31% nos investimentos estrangeiros diretos para estes países nesse ano. No ano passado a queda estimada pela instituição foi de 10%, o que deverá ser agravado com a redução dos planos de investimentos em especial na indústria, reflexo da forte queda da confiança dos empresários e das maiores restrições em relação ao crédito.

Também revendo suas projeções, a Agência Internacional de Energia (AIE) diminuiu suas projeções para o consumo mundial de petróleo em 2009: de 1 milhão de barris por dia, para 855 mil. Caso esta queda esperada se confirme, teremos pela primeira vez desde 1983 dois anos consecutivos com registro na retração no consumo. Enquanto isso, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) está fortemente comprometida com seu maior corte de produção da história - os ministros do petróleo da Opep concordaram no último mês em remover 2,2 milhões de barris por dia a partir de primeiro de janeiro, em uma corrida para equilibrar o fornecimento face ao rápido declínio da demanda por

combustível - julgado suficiente para impulsionar os preços da commodity que chegaram a menos de 40 dólares o barril. Tanto que o presidente do grupo, Botelho de Vasconcelos, disse que a Opep não deve se reunir antes da próxima reunião formal do cartel, em 15 de março, em Viena.

No que diz respeito ao aço, a produção mundial de aço bruto caiu 1,2% em 2008 ante 2007, conforme divulgado na quinta-feira pela Associação Mundial de Aço (World Steel Association). A queda na produção se deu nas principais regiões mundiais, com destaque para a União Européia, América do Norte, América do Sul e a Comunidade de Estados Independentes (CEI). Por outro lado, Ásia e Oriente Médio registraram expansão na produção em 2008, também em comparação com 2007, porém seguem em forte ritmo de desaceleração. Mais especificamente, a produção apresentou uma queda de 24,3% em dezembro de 2008 em relação ao mesmo período do ano passado, devido ao corte brusco da produção observado em quase todos os países no último trimestre do ano passado por conta da intensificação da crise econômica. Já no fechado de 2008, vale destacar que quase a metade (48,2%) da produção de aço bruto partiu dos BRICs, sendo a China responsável por quase 38% dessa fatia. O Brasil registrou queda de 0,2% na produção de aço em 2008 em relação a 2007, sendo que sua participação no mercado se manteve em 2,5%.

Nos Estados Unidos, O presidente americano Barack Obama tomou posse na terça-feira com uma ampla agenda pela frente, mas com prioridades e objetivos já definidos. Para tanto tentará implementar um pacote de estímulo na economia, com o custo já estimado entre US\$ 770 bilhões (cerca de R\$ 1,6 trilhão) e US\$ 1 trilhão (cerca de R\$ 2,3 trilhões).

Para estimular a economia norte-americana, Obama quer promover o maior investimento em infra-estrutura do país desde que o presidente Eisenhower construiu o sistema de auto-estradas interestaduais, nos anos 1950. Para tanto, Obama propõe um programa abrangente de construção de pontes e estradas,

além de esquemas nacionais para reformar edifícios públicos e escolas, tornando-os mais eficientes no uso de energia. Ao investir em projetos já em andamento, Obama espera injetar caixa rapidamente no sistema, criar empregos e estimular o consumo.

Outras propostas para aumentar a oferta de empregos e o consumo incluem o corte de impostos para empresas que criarem empregos, cortes de impostos para 95% dos trabalhadores americanos e mais benefícios para os desempregados. Obama prometeu reduzir os custos de seguro de saúde e oferecer um novo plano público que seja mais barato para quem não tem seguro.

Obama prometeu ainda trabalhar para que 10% da eletricidade americana venham de fontes renováveis até 2012, e 25% até 2025. Ele também quer um corte de 80% nas emissões dos gases relacionados ao efeito estufa até 2050. Sua proposta é investir US\$ 150 bilhões (cerca de R\$ 350 bi) em combustíveis alternativos nos próximos 10 anos, e trabalhar para criar, ainda em 2009, um programa de limitações e comércio para reduzir as emissões. O sistema conhecido como "cap and trade", semelhante ao da União Européia, prevê um limite de emissões para as empresas. As que emitirem mais do que a cota permitida teriam que comprar licenças das empresas que emitem menos do que podem.

Obama propõe também realocar tropas do Iraque ao ritmo de uma ou duas brigadas de combate por mês, o que significaria uma retirada completa até meados do ano que vem, e o aumento do número de soldados no Afeganistão. Obama prometeu ainda fazer progressos no conflito entre israelenses e palestinos.

O fechamento do campo de prisioneiros para suspeitos de terrorismo na base naval de Guantánamo (que já ocorreu esta semana) e o fim do uso das técnicas de interrogatório intensificado são também pontos centrais da agenda de segurança de Obama.

Outra meta no país é tentar aprovar uma proposta de tornar a sindicalização mais fácil. O Ato de Livre Escolha do Empregado (EFCA, na sigla em inglês) é uma das demandas-chave do movimento sindical americano. Ele forçaria os empregadores a reconhecer um sindicato se a maioria dos empregados optar por isso, em votação pública ou secreta.

No que diz respeito à imigração, Obama quer criar um caminho para oferecer cidadania aos atuais imigrantes ilegais, ao mesmo tempo em que quer fortalecer a segurança na fronteira.

No país, entretanto, os indicadores continuam apresentando um cenário negativo e de deterioração, apesar de alguns números surpreenderem.

O índice de inflação ao consumidor nos Estados Unidos registrou forte queda de 0,7% em dezembro de 2008 em relação com o mês anterior, um pouco acima do esperado pelo mercado de -0,9%. Na comparação interanual, o CPI apresentou elevação de 0,1%, o nível mais baixo registrado desde agosto de 1995. Esta forte desaceleração, já observada há alguns meses, continua sendo puxada pelos itens relacionados à energia: a gasolina, por exemplo, teve queda de 17,2% na margem no último mês do ano passado. Já o núcleo do índice, excluindo alimentação e energia, pelo segundo mês consecutivo praticamente não mostrou variação na margem.

A produção industrial recuou 2% em dezembro, na margem, surpreendendo o mercado que esperava uma queda menor de 1,2%, apresentando queda de 7,8% na comparação interanual. O indicador que mensura a capacidade instalada registrou 73,6%, sendo que eram esperados 74,5%, uma diminuição em relação ao mês anterior, quando atingiu 75,2%. Analisando a abertura dos dados, vemos que a produção de insumos apresentou queda ainda mais forte, o que sugere desempenho fraco da indústria para frente: materiais duráveis, não relacionados à energia contraíram 4,7% e materiais não-duráveis, também excluindo energia, caíram 3,4%.

No mercado de trabalho, só em dezembro, foram perdidas 524 mil vagas nos Estados Unidos. Em 2008 inteiro, foram 2,8 milhões de demissões. A taxa de desemprego bateu 7,2% da população ativa, a maior desde 1993.

O indicador da Universidade de Michigan surpreendeu positivamente, apontando para um ligeiro aumento da confiança para 61,9 pontos em janeiro, contra as expectativas de 59 pontos. O resultado foi impulsionado, principalmente, pela diminuição dos preços da gasolina e pelo aumento das expectativas sobre o governo do presidente eleito, Barack Obama.

Os dados de construção de novas residências e de licenças para novas construções nos Estados Unidos atingiram os mais baixos níveis da série (desde 1959), com quedas de 15,5% e 10,7%, respectivamente, em relação ao mês anterior, surpreendendo negativamente mais uma vez as expectativas do mercado. Considerando 2008, o início de novas residências caiu 33%, para 904.300, ante 1,3 milhões em 2007. O resultado indica que o mercado imobiliário norte-americano apresentará novamente um recuo significativo do investimento imobiliário no quarto trimestre e continuará afetando negativamente o crescimento da economia. Isso ocorre por decorrência ainda da retração do crédito, mas principalmente do atual excesso de oferta de moradias no mercado, que força a baixa dos preços residenciais, afetando diretamente as construtoras que, por isso, não apresentam boas perspectivas para os próximos meses. Contudo, vale mencionar que a forte queda da construção de novas residências tem um lado positivo, pois ajuda a corrigir mais rapidamente o excesso no estoque de moradias, fator primordial para a estabilização do preço das residências nos Estados Unidos.

O índice de confiança dos construtores do mercado imobiliário (NAHB), entretanto, se retraiu para 8 pontos, chegando ao menor nível de toda a série e abaixo das expectativas do mercado, ante 9 pontos registrados em dezembro. Dos índices que compõe a pesquisa, o índice de vendas atuais de casas foi o

responsável pela queda, já que recuou de 8 no mês anterior para 6 em janeiro. Os índices relativos à expectativa de vendas para os próximos seis meses e o de tráfego de compradores potenciais subiram ligeiramente para 16 e 8, respectivamente. O resultado de janeiro acompanha as quedas anteriores confirmando as baixas perspectivas de melhora para o mercado de moradias norte-americano nos próximos trimestres.

Na Zona do Euro, o relatório mensal do Banco Central Europeu (BCE) mostrou uma avaliação mais pessimista em relação à economia global e à da Zona do Euro, admitindo que os últimos indicadores confirmam que a economia global está entrando em uma severa contração. Segundo o relatório, a atividade industrial mostrou os piores resultados desde o agravamento da crise em meados de setembro, com PMI próximo dos níveis mais baixos das séries. O documento ainda afirma que as pressões inflacionárias estão controladas e que os últimos resultados de CPI e PPI mostram essa clara tendência. Em relação às expectativas para o futuro, o BCE revela sua preocupação em relação aos efeitos adicionais da piora da atividade econômica mundial sobre a Zona do Euro, em especial através dos pedidos à indústria e da piora da confiança global. Assim a autoridade monetária espera que a atividade permaneça desaquecida por mais alguns períodos, dado que os riscos para a contração ainda são evidentes.

Os indicadores da economia da região apóiam os temores e as constatações do BCE, trazendo mais resultados negativos. Os novos pedidos às indústrias na Zona do Euro registraram queda de 4,5% em novembro, surpreendendo as expectativas de -5%, ao passo que no mês anterior houve queda de -5,7%. Na comparação interanual, as encomendas somaram queda de 26,2%, o menor nível da série, sendo que era esperado um recuo de 20%, lembrando que no período anterior os pedidos já haviam retraído 15,1%. A queda mais expressiva fica concentrada no setor de metais básicos (-8,3%) e de equipamentos de transporte (-6,3).

Os PMIs de serviços e manufaturados da Zona do Euro e da Alemanha permanecem em um patamar abaixo dos 50 pontos, atingindo as menores pontuações da série histórica, indicando, mais uma vez, contração das economias em janeiro. O PMI de serviços da Zona do Euro apresentou ligeira elevação de 42,1 pontos para 42,5 pontos, surpreendendo as expectativas de 41,5 pontos. Na mesma direção, o PMI de manufaturados registrou uma melhora, de 33,9 pontos para 34,5 pontos, contra as expectativas de 33,1 pontos.

Já o PMI de serviços da Alemanha registrou 45,4 pontos, quase em linha com as expectativas de 45,7 pontos, sendo que no mês anterior apresentou 46,6 pontos. Já o PMI de manufaturados ficou dentro das expectativas de 32 pontos ante os 32,7 pontos registrados anteriormente.

O índice de preços ao produtor (PPI) da Alemanha registrou deflação em dezembro pelo segundo mês consecutivo, de 1%, acima das expectativas de queda de 1,2%, desacelerando 0,5 ponto percentual em relação ao mês anterior. Comparando com o mesmo período do ano anterior, o PPI desacelerou de 5,3% para 4,3%, quase em linha com as expectativas, de 4,2%. Este resultado deflacionista foi impulsionado, mais uma vez, pelos preços de energia (-2,3%) e de combustíveis (-8,1%). Neste sentido, o presidente do BCE, Jean-Claude Trichet, sinalizou um possível corte na taxa de juros novamente, em março, caso os riscos de inflação se mantenham baixos e a economia permaneça desaquecida. O levantamento Zew, índice de sentimento sobre a economia que mensura a confiança do investidor alemão, registrou -30,8 pontos em janeiro ante expectativas de -46 pontos, uma melhora em relação ao mês anterior, quando havia atingido -46,1 pontos. Essa melhora no resultado veio após o corte na taxa de juros de 0,5 ponto percentual para 2% pelo BCE na semana passada, o que pode ter elevado um pouco a confiança dos investidores a despeito da forte desaceleração da economia alemã e das baixas perspectivas de recuperação em 2009.

A agência de classificação de risco Standard & Poor's rebaixou a nota soberana de longo prazo de Portugal de "AA-" para "A+", com perspectiva estável. Nesta semana, a S&P já tinha revisto o rating da Espanha da nota máxima (AAA) para "AA+".

A taxa de desemprego na Espanha, que já é a mais alta da União Européia, saltou para aproximadamente 14%, de acordo com dados divulgados nesta sexta-feira que salientam a velocidade com que a economia do país ruma para a recessão.

O boom econômico espanhol, que durou uma década, precisou de apenas um ano para entrar em colapso, começando pelo setor de moradias e depois se espalhando com rapidez para outros setores importantes da economia do país, como serviços e de turismo.

No quarto trimestre, o desemprego na Espanha subiu para 13,9%, ou 3,2 milhões de pessoas, maior nível em 9 anos e acima da estimativa de 13% apurada em pesquisa da Reuters. O contingente de pessoas desempregadas aumentou em aproximadamente 1,3 milhão no final de 2008 em comparação com um ano antes. O número de famílias sem nenhuma pessoa empregada aumentou para 827.200 no quarto trimestre, ante 638.100 no terceiro trimestre.

Na França, os gastos dos consumidores caíram 0,9% em dezembro, na comparação mensal, reflexo da queda nas compras de produtos manufaturados e roupas. Para o ano de 2008, como um todo, os gastos dos consumidores cresceram 1,2% depois de uma alta de 4,4% em 2007, informou na quinta-feira a agência de estatísticas INSEE.

No sentido de recuperar a economia do país, o primeiro-ministro da França, François Fillon, afirmou que o governo está preparando um pacote de auxílio às montadoras que pode chegar a um montante de € 6 bilhões. O setor, um dos mais afetados pela crise em vários países, emprega cerca de 10% da força de trabalho do país e a ajuda contribuiria para alguma estabilidade no nível de emprego. Além disso, a produção de automóveis representa grande parte da

produção industrial, que poderá mostrar algum sinal de alívio com a injeção de capital.

Ainda na França, o governo também tenta melhorar a situação do setor financeiro de seu país por meio de injeção de capitais. Na terça-feira, foi anunciada a liberação de mais 10,5 bilhões de Euros para os bancos franceses conseguirem se reerguer, com a condição de que eles não darão bônus aos seus diretores. A decisão veio no mesmo dia em que o banco Société Générale afirmou que ainda espera ter lucros de 2 bilhões de Euros em 2008, mas assistiu suas a es sofrerem desvaloriza o de 14% no pregão.

Apesar dos indicadores econ micos ruins descritos, na quarta-feira, o presidente do BCE descartou a ameaça de defla o e disse que a idéia que alguns países poderiam sair da Zona do Euro era infundada.

No Reino Unido, o PIB apresentou crescimento negativo de 1,8% no quarto trimestre de 2008 na compara o interanual, surpreendendo as expectativas de queda de 1,4%. Comparado com o trimestre anterior, o crescimento da atividade recuou 1,5%, sendo que era esperada uma queda de 1,2%, depois de já ter recuado 0,6% no terceiro trimestre, chegando   menor taxa registrada desde 1980. Com este fraco resultado do último trimestre, a economia britânica apresentou fraco crescimento de 0,7% em 2008. Com isso, o Reino Unido entrou oficialmente na sexta-feira para a lista de países que estão em recessão pelo conceito clássico, de retra o do PIB por dois trimestres consecutivos.

A ata do Bank of England (BoE) divulgada na quarta-feira, revela que apesar da decisão de corte da taxa de juros de apenas 0,5 ponto percentual (que recebeu 8 votos contra um), chegou-se a discutir uma redu o de 1 ponto percentual. A taxa de juros está no nível mais baixo desde 1694, em 1,5%.

Internamente, as vendas no varejo aceleraram de 0,3% para 1,6% em dezembro, sendo que era esperada uma queda de 0,7%. Na compara o

interanual as vendas acumulam um crescimento de 1,3% para 4% contra as expectativas de 1,5%.

A taxa de desemprego no Reino Unido ficou dentro das expectativas do mercado em novembro subindo 0,4 ponto percentual para 6,1%, um aumento de 77.900 para 1,16 milhão, atingindo o maior nível desde janeiro de 2000. O desemprego cresce pelo décimo primeiro mês consecutivo e já atinge 3,6% em dezembro. Uma pesquisa mostrou que 44% das empresas estão demitindo e metade está suspendendo contratações. O primeiro ministro britânico, Gordon Brown, já anunciou que planeja a criação de 100.000 empregos através de programas de trabalho público.

O índice de preços ao consumidor (CPI) do Reino Unido referente a dezembro apresentou novamente deflação, de 0,4%, surpreendendo o mercado que esperava queda de 0,9% na margem. Na comparação interanual, o índice atingiu a menor taxa desde abril, de 3,1%, contra as expectativas de 2,6%. O núcleo do índice (que exclui energia, alimentos, álcool e tabaco) registrou 1,1% ao passo que era esperada uma alta de 1,3%.

Na segunda-feira, o governo britânico anunciou o segundo plano de ajuda ao sistema bancário do país, que contará com um montante de US\$ 58,7 bilhões para compra de ativos de qualidade alta. Para ter acesso aos recursos do plano, os bancos deverão pagar uma taxa, em uma tentativa de proteger o Tesouro britânico de inadimplência. O plano ainda inclui a possibilidade de criação de um seguro contra as perdas dos ativos com risco mais elevado, além de oferecer garantias para débitos.

O novo surto da crise bancária, que desta vez chegou com força na Inglaterra, fez a libra chegar ao seu menor valor desde 1985 na tarde da quarta-feira, a libra sendo cotada a US\$ 1,36. Para se ter uma idéia, no dia 15 de setembro do ano passado, marco inicial desta crise, com a quebra do Lehman Brothers, a libra valia US\$ 1,85, queda de 26,5%. Há um ano a libra valia US\$ 2, o que significa

uma perda de valor de 32%. A queda é por causa dos bancos ingleses, que estão com suas ações despencando nos mercados internacionais. Dentro deste novo surto bancário, o único ponto favorável é o fato de, apesar das ações estarem caindo e a libra perdendo valor, ninguém no mercado acreditar que os bancos vão quebrar.

Em seu primeiro grande discurso do ano, Mervyn King, presidente do BoE, disse que a economia britânica deve sofrer uma queda acentuada na primeira metade de 2009 e os formuladores de política precisam considerar a possibilidade de usar outros instrumentos e não apenas a taxa de juros para estimular a demanda. King também disse que a desvalorização da libra ajudará a dar sustentação à economia este ano, uma vez que irá reduzir os preços do petróleo e dará também um alívio fiscal e monetário.

Na China, a economia apresentou crescimento de 6,8% no quarto trimestre de 2008, atingindo o seu menor patamar desde 2001, em linha com as expectativas do mercado, registrando um crescimento anual de 9%, desacelerando fortemente se compararmos com os 13% registrados em 2007. Esta taxa de crescimento interanual implica, contudo, expansão próxima a zero quando comparamos com o terceiro trimestre, conforme dados dessazonalizados.

Ainda assim, há sinais discretos de melhora na economia doméstica, apesar do fraco desempenho das exportações, quando observamos a pequena recuperação da produção industrial, que acelerou de 5,4% para 5,7% em dezembro, ao passo que eram esperados 4,2.

Além disso, a demanda e investimentos se contraíram, enquanto que as vendas nominais no varejo desaceleraram de 20,8% em novembro para 19% em dezembro, contra as expectativas de 19,5%.

A inflação vem apresentando comportamento favorável: o índice de preços ao consumidor (CPI) indica uma desaceleração forte dos preços, e passou de 2,4% para 1,2% no período, enquanto que as estimativas eram de 1,6%. Pelo lado dos

produtores, os preços já apresentam deflação, de 1,1%, uma forte desaceleração em relação ao mês anterior, quando registrou elevação de 2%, surpreendendo as expectativas de queda de 0,1%.

Finalmente, segundo o Ministério dos Recursos Humanos e da Seguridade Social chinês, a taxa de desemprego urbano na China ficou em 4,2% no fim de 2008, apresentando um aumento de 0,2 ponto percentual na comparação anual. Em 31 de dezembro do ano passado, havia 8,86 milhões de chineses moradores das áreas urbanas desempregados, 560 mil a mais do que no fim do terceiro trimestre. 11,13 milhões de empregos urbanos foram criados no ano passado, 11% a mais do que o previsto pelo governo. A taxa de desemprego urbano vinha caindo por cinco anos consecutivos, de 4,3% em 2003 para 4% em 2007.

No Japão, o relatório mensal do Bank of Japan (BoJ), que já vinha reportando a deterioração da economia japonesa e das exportações em suas edições anteriores, reforçou os efeitos do agravamento da crise e relatou que as condições da economia japonesa estão piorando significativamente, em sua divulgação de janeiro. As exportações têm caído substancialmente por conta do arrefecimento da atividade mundial e da apreciação do yen, comprometendo os lucros das companhias, bem como as intenções de investimentos. Como consequência, a situação do mercado de trabalho se agravou levando a diminuição dos gastos e da confiança. Pelo terceiro mês consecutivo, o BoJ revisou para baixo suas projeções para a atividade econômica japonesa em 2009. A confiança do consumidor no Japão registrou o seu resultado mais pessimista dos últimos 26 anos em dezembro, com 26,7 pontos ante os 27 pontos esperados e os 28,7 pontos registrados anteriormente. É preciso lembrarmos que as exportações japonesas chegaram a patamares muito baixos e que tivemos grande número de demissões, não só no Japão como no mundo todo, devido ao corte de produção das empresas.

A produção industrial do Japão atingiu o menor resultado da série histórica em novembro, com queda de 8,5% na margem ante o recuo de 3,1% registrado no mês anterior. Em relação ao mesmo período do ano anterior, o resultado acumula queda de 16,6%, sendo que no mês anterior a produção diminuiu 7,1%. Os fracos dados da produção industrial são refletidos pelo indicador da utilização da capacidade instalada, que também atingiu o seu menor patamar, de queda de 9,7% na margem, sendo que no período anterior já havia retraído 3,93%.

Na quinta-feira, o BoJ anunciou sua decisão em relação à taxa de juros no país, que foi mantida em 0,10% por unanimidade. O BoJ já havia reduzido a taxa básica de juros anteriormente, e voltou a afirmar que a mesma se encontra em patamar muito baixo. Com os efeitos adversos da crise sobre a economia japonesa, que mostrou crescimento negativo em dois trimestres consecutivos e que não deverá mostrar recuperação no curto prazo, o governo tem lançado mão de outras medidas além da política monetária, anunciando pacotes de auxílio ao setor financeiro e às empresas do país. Apesar da manutenção da taxa de juros, o BoJ reduziu as projeções para o crescimento da economia de + 0,1% para - 1,8% neste ano fiscal, que termina em março, e de +0,6% para -2% no ano fiscal de 2009, além de esperar deflação. Segundo o banco, a economia japonesa voltará a crescer em 2010, para o qual espera um crescimento de 1,5%.

Na Coreia do Sul, o PIB cresceu em 2008 2,5%, em contraste com os 5% do ano anterior, e registrou o pior resultado desde 1998, quando teve queda de 6,9%. O banco central da Coreia do Sul informou na quinta-feira que, no último trimestre do ano, a economia sofreu uma queda de 5,6% frente aos três meses anteriores, no que foi também o maior retrocesso desde 1998. O PIB sul-coreano teve contração de 3,4% entre outubro e dezembro de 2008 se comparado com o mesmo trimestre do ano anterior. No último trimestre, o resultado foi muito inferior ao previsto, o que o banco central sul-coreano atribuiu a uma piora das exportações e à queda na demanda interna. As exportações, que representam

60% do PIB sul-coreano, caíram 11,9% entre outubro e dezembro de 2008 frente ao mesmo trimestre anterior, o pior resultado desde 1979.

Nos voltando agora para nossa região, destaque para a Bolívia, onde o presidente Evo Morales usou o velho truque de adotar uma medida populista em épocas de eleição. Na sexta-feira, ele anunciou que nacionalizou por decreto uma filial da British Petroleum na Bolívia. É um truque que ele já usou, inclusive contra o Brasil quando invadiu com tropas as refinarias da Petrobras. Perto de uma eleição ou referendo importante (no domingo os bolivianos vão às urnas votar por mudanças na Constituição) ele manipula o povo boliviano com estes gestos ditos nacionalistas.

Cenário Interno

Em mais uma tentativa por parte do governo de tentar frear a queda da confiança dos empresários e impulsionar os investimentos, diminuindo as pressões sobre o nível de emprego, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, anunciou na quinta-feira que o Tesouro Nacional injetará R\$ 100 bilhões no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O intuito é de que não falem recursos voltados aos investimentos em petróleo, gás, energia elétrica e obras de infra-estrutura. Para Mantega, a decisão de injetar esses recursos no Banco é fundamental para garantir o crédito necessário para 2009, dado que outras fontes de financiamento, em especial estrangeiras, estão com maior restrição para empréstimos.

A grande crítica que surge a esta medida do governo é o fato de sabermos que o BNDES empresta o grosso dos seus recursos para grandes empresas, que têm melhores condições de levantar recursos, ao invés de beneficiar as micro, pequenas e médias empresas. Os setores que mais empregam, como comércio e serviços, são os que menos recebem recursos do BNDES. Com a medida, algumas grandes empresas, que têm acesso ao banco, estão capitalizadas, como a Vale, mas como o crédito está caro vai ser mais fácil e barato recorrer ao BNDES, que vai transferir recursos para as grandes empresas. O governo tem a ilusão de que as grandes empresas manterão o emprego, mas os setores que mais demitiram foram os que mais receberam recursos do BNDES. As principais geradoras de mão-de-obra são as micro, pequenas e médias empresas, justamente as mais desabrigadas no meio da crise, sem acesso a crédito, sem recursos do BNDES, sem benefícios do governo.

O fato é que a queda do investimento não é por falta de crédito, mas sim porque há falta de demanda. O que deve ser perguntado é se essa é a forma mais eficiente de usar o dinheiro público para evitar a crise. A forma mais eficiente de incentivar o consumo é reduzir a carga tributária sobre empresas e pessoas.

Para ajudar as empresas num momento de crise no mercado financeiro, o governo decidiu dar um alívio ao caixa das empresas patrocinadoras de fundos de pensão. A medida provisória (MP) 453, publicada na sexta-feira no Diário Oficial, permite que essas empresas só recolham Imposto de Renda, CSLL e PIS/Cofins sobre lucros obtidos com aplicações dos fundos de pensão na hora em que esse dinheiro entrar em seu caixa. Entre as empresas que podem se beneficiar da medida estão grandes estatais como o Banco do Brasil, patrocinador da Previ, a Caixa Econômica Federal, patrocinadora da Funcef e a Petrobras, patrocinadora da Petros. A Receita Federal explicou que, até agora, quando a patrocinadora tinha um ganho a receber do fundo, ela devia pagar os tributos mesmo antes de os recursos ingressarem. Era a tributação pelo chamado regime de competência. Agora, o regime será o de caixa, ou seja, só se paga na hora em que o dinheiro for efetivamente embolsado. Segundo o subsecretário da Receita Carlos Alberto Barreto, a medida dá um alívio às empresas, que terão mais tempo para pagar o imposto.

Ademais, esta semana tivemos uma reunião do setor da construção civil em São Paulo, para discutir a crise e apresentar propostas de ajuda do governo. O principal objetivo é tentar manter o setor aquecido com investimentos em habitação de baixa renda. Ao lado do setor automotivo, o da construção civil é um dos mais afetados pela crise porque depende de financiamentos de grande volume e de longo prazo. Para se ter uma idéia do tamanho da freada, em 2008 o setor deve fechar com crescimento em torno de 8%, ainda impulsionado pelos ganhos dos três primeiros trimestre do ano. Já para 2009, a perspectiva da CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção) é de crescimento menor, em torno de 5%.

Mas o destaque da semana foi a decisão do Comitê de Política Monetária (COPOM) que - reconhecendo a forte desaceleração da atividade, a rápida convergência da inflação para a meta e tendo recolhido mais informações quanto

ao baixo repasse do câmbio para os preços finais - cortou a taxa Selic em 1 ponto percentual, para 12,75% ao ano, na reunião de quarta-feira. A decisão foi tomada sem consenso, com 5 votos a favor do corte efetinado e 3 a favor de uma redução menor, igual à prevista pelo mercado de 0,75%. O comunicado divulgado logo após o anúncio da decisão sinaliza que a redução realizada é a primeira de um ciclo de afrouxamento da política monetária. De acordo com o documento, o Comitê inicia um processo de flexibilização da política monetária realizando de imediato parte relevante do movimento da taxa básica de juros, sem prejuízo para o cumprimento da meta para a inflação. Os detalhes da decisão tomada só serão conhecidos no próximo dia 29, quando a ata da reunião for divulgada. A próxima reunião será só daqui a 45 dias, mas, até lá, o Banco Central do Brasil (BACEN) pode reduzir o intervalo das reuniões para 30 dias. Este intervalo foi ampliado quando o país estava bem, mas com esta crise, esperar demais pode fazer o BACEN perder tempo.

O corte de juros veio por razões técnicas, que podemos explicar em quatro pontos: a primeira é que tanto a inflação corrente quanto o repasse da alta do dólar estão sob controles; a segunda é que há uma desaceleração da economia brasileira, que já está afetando o mercado de trabalho trazendo menos emprego e menos renda e, portanto, menos pressão de demanda; a terceira é que a implementação da política monetária leva tempo para entrar em vigor e, portanto, se o Banco Central não for mais agressivo agora poderá comprometer todo o ano de 2009, e acabar por contribuir para que a crise atinja mais fortemente o Brasil; finalmente, vemos que as expectativas de inflação estão convergindo para o centro da meta em 2009, dando mais margem a utilização dos juros como instrumento de política monetária pelo BACEN.

De fato, em relação à inflação, segundo a Pesquisa Focus, referente à semana até 16 de janeiro, as expectativas para o IPCA de 2009 caíram de 5% para 4,8%, e para 2010 elas se mantiveram em 4,5%. Além disso, para a taxa de câmbio de

final de período de 2009 houve estabilidade, de R\$/US\$ 2,30, e para 2010 apresentou elevação de R\$/US\$ 2,25 para R\$/US\$ 2,28. Já a meta da taxa Selic passou de 11,75% para 11,25% em 2009, ao passo que para 2010 caiu de 11,25% para 11%.

Ainda no que tange a inflação, o IPC-FIPE apresentou alta de 0,23% na segunda quadrissemana de janeiro, um pouco acima da mediana do mercado (0,21%). A desaceleração da queda dos alimentos (para -0,23%) contribuiu para a elevação do índice que na semana passada registrou alta de 0,18%. Outro fator fundamental foi a aceleração de educação, seguindo tendência normal para esse período, que avançou 2,58%.

A Fundação Getúlio Vargas divulgou na quarta-feira a segunda prévia do IGP-M desse mês, que mostrou queda de 0,58%. O resultado novamente sofreu forte influência do recuo dos preços ao produtor: o IPA agrícola reduziu o ritmo de queda em relação ao IGP-10 desse mês recuando 0,31%, ao passo que o IPA industrial seguiu tendência semelhante e apresentou deflação de 1,37%. O IPC avançou 0,59%, com destaque para a aceleração sazonal de educação (1,18%). O INCC continuou mostrando resultado bastante fraco para essa época do ano, com alta de 0,15%.

Na sexta-feira, a FGV divulgou o IPC-S da terceira quadrissemana de janeiro, que mostrou alta de 0,80%, acima do esperado pelo mercado (0,69%). Os grupos que mais contribuíram para a aceleração do índice foram: educação, que seguindo tendência normal para esse período do ano avançou 2,57%, além de alimentação que voltou a apresentar aceleração e teve elevação de 1,10%.

O IPCA-15 divulgado na sexta-feira pelo IBGE veio acima das expectativas. Deu 0,40%, sendo que a previsão mais pessimista estava em 0,35%. Mesmo vindo acima das projeções, no acumulado em 12 meses a taxa caiu de 6,10% para 5,79%. Isso porque em janeiro de 2008, o IPCA-15 registrou alta maior que a de sexta-feira, 0,70%. O principal item que contribuiu para alta divulgada na sexta-feira foi a tarifa dos ônibus urbanos, que subiu 2,35% e representou 0,09 pontos

do índice. Contribuiu para esse reajuste a decisão da Petrobras de não reduzir o preço da gasolina e dos combustíveis, a despeito da derrubada da cotação do petróleo nos mercados internacionais.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o saldo da criação de vagas do emprego formal em dezembro foi -654.946, bem abaixo da média histórica para dezembro, de cerca de -300 mil, conforme já tinha sido antecipado pelo ministro do trabalho Carlos Lupi na semana passada. Com este resultado, o saldo líquido de 2008 recuou 10,2% em relação a 2007. O número não foi uma surpresa, mas o quadro de rápida deterioração do mercado de trabalho preocupa. As maiores quedas aconteceram nos setores de indústria da transformação (273.240 postos a menos ou 42% do total de contratações líquidas), agricultura (137.487), serviços (117.128 postos a menos ou 18% do total de contratações líquidas) e construção civil (82.432). Nenhum setor da economia fechou com saldo positivo de empregos em dezembro. Nos números fechados de 2008, houve criação de 1,452 milhão de vagas, como reflexo do ritmo de crescimento da economia até o terceiro trimestre. Mesmo assim, o número é 10% menor que o recorde registrado em 2007, como mencionamos acima. Antes da crise, a expectativa do governo era que houvesse um novo recorde em 2008.

Já segundo os dados da Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE, a taxa de desemprego ficou em 6,8% em dezembro, sendo que a média de 2008 foi de 7,9%, abaixo do observado em 2007, de 9,3%. O resultado do mês veio bastante abaixo da mediana do mercado, de 7,1. O nível de ocupação cresceu na comparação interanual (3,4%) ainda que tenha se mantido estável na comparação com novembro. O rendimento médio real habitual, por sua vez, também registrou crescimento, 0,5% na margem, e 3,6% em relação o mesmo mês de 2007. A combinação dessas duas variáveis mostrou que a massa real

também cresceu na margem, 7,6% na variação interanual, fechando o ano com forte crescimento de 7,4%.

É importante, entretanto, esclarecermos duas notícias tão diferentes que saem na mesma semana. A queda do desemprego do IBGE está relacionada à criação de empregos temporários do comércio (que passará a demitir em janeiro) e também à diminuição de pessoas procurando emprego em dezembro. Já o Caged, do Ministério do Trabalho, analisa o fechamento de postos formais de trabalho.

O ponto é que a taxa de desemprego medida pelo IBGE despencou em dezembro e atingiu o nível mais baixo da série histórica, mas não dá para comemorar muito o resultado. Primeiro porque é um dado ligado às contratações temporárias do comércio: muita gente é empregada nesse período, mas com a virada do ano, elas voltarão ao desemprego. Segundo porque a pergunta que o IBGE faz durante a pesquisa é a seguinte: "você procurou emprego nos últimos 30 dias?". Se a resposta for "não", ela não entra nas estatísticas mesmo que esteja desempregada. Tradicionalmente, no mês de dezembro parte dos desempregados adiam a decisão de procura no mercado de trabalho. As pessoas acham que nenhuma empresa vai decidir por contratar no final de ano. Além disso, muita gente deixa para retomar a procura a partir de janeiro, quando acontece a virada e há uma renovação das expectativas. Com isso, a melhor fotografia do mercado de trabalho nesta época do ano é feita pelo Ministério do Trabalho, por meio do Caged, onde toda empresa é obrigada a comunicar o número de demissões e admissões que acontece mensalmente em seus quadros.

Em relação à atividade no país, na terça-feira, a Confederação Nacional da Indústria (CNI), divulgou que o Nível de Utilização da Capacidade Instalada da Indústria (NUCI) caiu um ponto porcentual em novembro de 2008, para 81,6%, em relação ao mês anterior, dados dessazonalizados, registrando a maior retração na margem de toda a sua série histórica iniciada em janeiro de 2003. Ao decompor este indicador por categoria de uso (bens de consumo, bens de

capital e bens intermediários), notamos que a retração na margem foi muito mais acentuada nos bens de consumo e nos bens intermediários. Da mesma forma, os outros dados industriais divulgados pela CNI também mostraram forte desaceleração em novembro do ano passado, em linha com o observado na pesquisa industrial do IBGE. Vale destacar o indicador referente ao faturamento real da indústria, que sofreu recuo de 9,9% ante o mês de outubro de 2008, sendo que o setor que mais sofreu essa queda foi o de veículos automotores (-29,5%). Já o número de horas trabalhadas na produção, apresentou contração de 1,5%, na série livre de efeitos sazonais.

Estes dados de faturamento indicam que a crise chegou ao país de forma muito mais rápida do que se imaginava. A indústria produz basicamente para o comércio e, se já houve redução nas vendas em novembro, significa que no mês de outubro o comércio varejista já havia sofrido uma retração tanto nas vendas quanto nas expectativas. Como o comércio estava muito estocado, a opção diante do agravamento da crise financeira internacional foi fazer menos pedidos à indústria.

Para o setor automotivo, as vendas de veículos mostraram elevação de 1,9% na primeira quinzena de janeiro, na margem. Na comparação interanual, houve queda de 6,11%. Para automóveis e comerciais leves, o crescimento nas vendas foi maior, de 9,15% na margem e recuo de 1,22% no interanual. Para o presidente da Fenabrave, o resultado mostra que a queda nas vendas terminaram e que espera agora estabilidade. A recuperação nas vendas dos veículos, em especial automóveis, reflete a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e as promoções feitas pelas montadoras nos últimos meses. Segundo o IBGE, as vendas no varejo cresceram 5,1% em novembro de 2008 em relação ao mesmo período de 2007, o que significou a segunda retração consecutiva na margem com ajuste sazonal, de -0,7%. Este resultado sugere uma trajetória de enfraquecimento do comércio, surpreendendo o mercado para o

qual a mediana das estimativas era de crescimento de 6% ante novembro de 2007 e -0,5% na margem. O IBGE também revisou para baixo o resultado de outubro: -0,9% na margem dessazonalizado, ante -0,3% reportado do mês passado. Com isso, adicionando a informação de novembro, a variação da série de média móvel trimestral – um bom indicador da tendência – caiu 0,17%, configurando como a primeira queda desde abril de 2006. Por categoria de uso, o recuo de novembro foi puxado, principalmente, pela contração das vendas de “móveis e eletrodomésticos” (bens duráveis) e “tecidos, vestuários e calçados” (bens semi e não-duráveis); ao passo que os “supermercados”, que têm a maior parte das vendas ligadas a produtos não-duráveis, ainda mostraram expansão na margem. Acrescentando as vendas de veículos e material de construção civil, que também mostraram resultados extremamente fracos, o comércio ampliado de novembro mostrou queda de 4,1% em relação a novembro de 2007 e -3,4% na margem, em termos dessazonalizados. Mais uma vez fica claro que todas as atividades mais sensíveis a crédito apresentaram desaceleração.

Com a diminuição das vendas no varejo, aumento de estoques com diminuição da produção, e conseqüente desaquecimento da economia, há queda na produção de aço e, com isso, difíceis negociações no preço do minério de ferro. As negociações anuais sobre o reajuste do minério de ferro já estão acontecendo entre mineradoras e siderúrgicas, mas por causa da crise o mercado projeta uma redução de 25% no valor do minério. Isso significa queda de receita e lucros para a Vale em 2009, que no ano passado conseguiu subir o preço em 65%. Ainda não se sabe quando acabarão as negociações. Pelo lado das mineradoras, a estratégia é adiar ao máximo o fechamento do acordo, na esperança de que a crise diminua de intensidade. Já pelo lado das siderúrgicas, a intenção é garantir logo um preço mais baixo, já que o setor está passando por dificuldades com demissões e desligamento de altos-fornos. Como as siderúrgicas vinham produzindo num ritmo intenso até agosto, elas estão bastante estocadas. Enquanto o aço não for desovado, não haverá pressão de demanda por minério de ferro.

Para o setor agrícola, o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes, declarou que a safra agrícola para esse ano poderá apresentar queda de até 8%, chegando a um nível próximo ao alcançado em 2007. A estiagem no Paraná e no Rio Grande do Sul, produtores de feijão, arroz, milho e soja, contribuiu para uma estimativa mais pessimista. Mesmo com a redução da produção nacional desses produtos, o ministro não espera uma elevação nos preços dos alimentos para o consumidor. Stephanes ainda disse que os produtores receberão pagamento de seguro, recursos para o novo cultivo e terão o prazo da dívida alongado. Por fim, ele adiantou que devem ser definidas as fontes de financiamento de R\$ 2 bilhões em ajuda para comércio da safra.

No que se refere às contas nacionais, os investimentos estrangeiros diretos tiveram recuo de US\$ 400 bilhões em 2008, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o que poderá ser ampliado nesse ano, encerrando um ciclo de aumento do fluxo de investimentos iniciado em 2004. Ainda que no mundo o fluxo de investimentos tenha caído 21%, no Brasil ainda houve aumento de 20,6%. Para 2009, com a continuidade da crise internacional a tendência é de continuação da redução nos investimentos, em especial por conta da queda dos investimentos de empresas transnacionais. O cenário mais otimista da instituição prevê retorno do crescimento dos investimentos em 2010, enquanto que o pessimista espera o retorno apenas para 2012.

A balança comercial registrou um saldo deficitário de US\$ 378 milhões na terceira semana de janeiro, sendo que as exportações atingiram US\$ 2,276 bilhões (com média diária de US\$ 455,2 milhões, queda de 7,7% em relação ao acumulado até a segunda semana do mês) e as importações, US\$ 2,654 bilhões (com média diária de US\$ 530,8 milhões, elevação de 7,2% em relação ao observado até a segunda semana de janeiro). Pelo lado das exportações, os destaques ficaram por conta da retração de embarques de açúcar em bruto, celulose, petróleo em bruto e minério de ferro. Por outro lado, os embarques de aviões, suco de laranja e laminados planos apresentaram elevação. Já para as importações, a elevação

FUNDAMENTUM

das compras de combustíveis e lubrificantes, equipamentos mecânicos e aparelhos eletroeletrônicos foram o destaque.

Mercado Financeiro

A semana nas Bolsas do mundo foi marcada pelo temor do surgimento de um novo surto da crise bancária que iniciou nos Estados Unidos e se espalhou pelo mundo, puxando os pregões para baixo e causando muita volatilidade ao longo da semana. Os resultados corporativos internacionais continuam também a afetar diretamente o curso dos mercados financeiros, aumentando ainda mais a volatilidade e a aversão ao risco. A posse de Barack Obama foi o grande destaque internacional da semana, mas no detalhe veremos que nem assim a calma se instalou definitivamente nas praças financeiras pelo mundo.

O fato é que qualquer notícia, boa ou ruim, vai mexer com o mercado, que está muito volátil ainda. Mas mesmo quando tem uma notícia ruim e as ações caem, elas voltam ao patamar de antes rapidamente porque os preços já estão muito ajustados.

Na segunda-feira, em dia de pouco volume de negociações, sem bolsa nos Estados Unidos por causa do feriado de Martin Luther King, de queda nas bolsas européias por causa dos bancos, a Bovespa acabou fechando em baixa de 1,3%, aos 38.828 pontos. Com pouco volume de negociação, abaixo dos R\$ 2 bilhões em uma média diária de R\$ 4 bilhões, tirando os vencimentos de opções, a Bovespa seguiu a Europa e acusou os dados brasileiros de desemprego. A bolsa abriu em alta, por causa do pacote de ajuda aos bancos, mas caiu como na Europa, por causa dos bancos, principalmente o Royal Bank of Scotland (na segunda-feira, o Bank of Scotland anunciou prejuízo de US\$ 48 bilhões no ano de 2008, com perdas de até US\$ 11,7 bilhões em ativos relacionados ao subprime). Depois que o mercado europeu e o mercado de opções fecharam, o Ibovespa caiu mais por causa do desemprego, que veio um pouco pior do que o mercado esperava. O que reduziu as perdas foi a possibilidade de um corte maior na Selic pelo BACEN.

No mercado acionário da Ásia, as principais bolsas fecharam a segunda-feira com alta, com os investidores otimistas com o lançamento de medidas econômicas por Barack Obama. A bolsa de valores de Tóquio encerrou com alta de 0,32%, Hong Kong subiu 0,64% e Xangai 1,65%.

Na Europa, as principais praças acionárias fecharam a sessão com desvalorização. O Dow Jones Stoxx 600 recuou 1,7%; o índice FT-100, de Londres, caiu 0,93%; em Paris, o índice CAC-40 perdeu 0,9%; em Frankfurt, o DAX-30 teve declínio de 1,15%; em Madri, o índice Ibex-35 caiu 1,45%; em Milão, o S&P/MIB recuou 1,4%; em Lisboa, o índice PSI-20 teve queda de 1,29%.

Entre as notícias corporativas aqui no Brasil, a Petrobrás informou à ANP (Agência Nacional do Petróleo) uma nova descoberta de indícios de hidrocarbonetos na bacia de Potiguar, que abrange os estados do Rio Grande do Norte e Ceará.

O Conselho de Administração do grupo Pão de Açúcar aprovou um programa de recompra de ações preferenciais de sua própria emissão, no qual poderão ser adquiridos até 3 milhões de papéis preferenciais (3% do total em circulação). Além disso, a empresa incluiu os ADRs (American Depositary Receipts) vinculados. Até 16 de janeiro, o grupo detinha no mercado 100,37 milhões de papéis, sendo 100,31 milhões de ações preferenciais.

Diante da retração de suas atividades, a MRS Logística anunciou que irá dispensar entre 180 e 200 funcionários, número que representa cerca de 5% do seu quadro de pessoal, hoje em 3,669 mil trabalhadores. De acordo com a empresa, os cortes são resultantes de uma queda de 40% no seu nível de produção e atingirão as unidades da empresa em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

No ambiente corporativo externo, a Johnson & Johnson conseguiu um crescimento de 14% em seu lucro líquido no quarto trimestre, para US\$ 2,71 bilhões (US\$ 0,97 por ação), apesar da crise econômica. O lucro inclui despesas

extraordinárias e ganhos tributários. Sem considerar esses fatores, o lucro foi de US\$ 2,6 bilhões no trimestre. Em todo o ano de 2008, a gigante do setor de farmácia e higiene ganhou US\$ 12,9 bilhões (US\$ 4,57 por ação). As receitas do trimestre, porém, declinaram 5% na comparação com 2007, para US\$ 15,2 bilhões, prejudicadas por flutuações cambiais e pela queda de vendas dentro dos Estados Unidos. A empresa também anunciou a estimativa de lucro por ação em todo este ano entre US\$ 4,45 e US\$ 4,55, sem contar itens extraordinários. Os analistas de Wall Street, contudo, esperavam projeção de ganho acima de US\$ 4,60 por ação em 2009.

Na terça-feira, em mais de 110 anos de história, nunca houve um recuo tão forte nas bolsas americanas num dia de posse de presidente, como aconteceu com Barack Obama. O Dow Jones fechou com queda de 4,01%, o S&P, 5,28%, e o Nasdaq, 5,78%. A preocupação com o sistema financeiro voltou com força e falou mais alto do que a renovação das expectativas com a chegada do novo presidente. Com os bancos em baixa, pela primeira vez desde 1992 o setor financeiro representava menos de 10% do valor de mercado do S&P. Somente na terça-feira, a queda foi de 16,22%, mais que o triplo do recuo do segundo grupo que mais caiu, o de materiais básicos, com queda de 5,79%. O Ibovespa, encerrou em forte queda de 4,01% na terça-feira, atrelado com as persistentes preocupações dos investidores com a saúde do sistema financeiro global. Aqui no Brasil, o mercado avaliou a divulgação de importantes notícias corporativas, destacando a compra de 28% da Aracruz feita pela VCP.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas fecharam em forte queda na terça-feira, acompanhando o pessimismo verificado na véspera. Entre os fatores que pesaram nas bolsas, pode-se destacar a queda dos preços dos metais e o recuo de papéis do setor financeiro.

As especulações de que o governo britânico pudesse adquirir o controle completo do Royal Bank of Scotland, depois que o banco anunciou perdas de mais de US\$

30 bilhões (o maior prejuízo da história corporativa do Reino Unido), agitou os mercados da região, fazendo as ações do banco HSBC caírem 7,7% em Hong Kong. Outra notícia que afetou a confiança dos investidores foi a divulgação dos dados de desemprego na China.

No Japão, o índice Nikkei fechou em baixa de 2,31%, aos 8.065,79 pontos. O Hang Seng, de Hong Kong, teve queda de 2,85%, aos 12.959,77 pontos. O Kospi, da Coreia do Sul encerrou o pregão com recuo de 2,07%. A única exceção à tendência de queda foi o Shanghai Composite chinês, que fechou no campo positivo, com 0,37% de valorização, aos 1.994,11 pontos.

Na Europa, as bolsas encerraram em queda na terça-feira. O mercado se apresentou preocupado com a saúde do setor financeiro de todo o mundo, ofuscando o discurso de posse de Barack Obama. A bolsa de valores de Paris apresentou queda de 2,15%, a da Alemanha encerrou com recuo de 1,77% e a de Londres apresentou desvalorização de 0,42%.

Entre as notícias corporativas aqui no Brasil, a VCP (Votorantim Celulose e Papel) informou a compra de 28,03% da Aracruz por R\$ 2,71 bilhões, após dois meses de negociações. O montante representa 127,5 milhões de ações ordinárias. O valor deve ser pago em seis parcelas, sendo a primeira avaliada em R\$ 500 milhões e as demais divididas proporcionalmente ao longo do acordo firmado, com a última para julho de 2011. Vale lembrar que a fatia adquirida pela VCP corresponde aos integrantes das famílias Lorentzen, Moreira Salles e Almeida Braga. Junto à confirmação da compra de 28,03% pela VCP, a Aracruz informou também que entrou em acordo com os bancos credores de uma dívida de R\$ 2,63 bilhões, parte adquirida por meio de operações mal-sucedidas no mercado futuro de câmbio. Com o acordo firmado, a Aracruz terá um prazo total de amortização de nove anos, podendo ser reduzido para sete anos conforme o desenrolar do desempenho operacional da empresa. A amortização será paga em parcelas

semestrais iguais em 2009 e trimestrais a partir de 2010, ante uma taxa de juros ponderada de Libor mais 4,6% ao ano. As ações PNB da Aracruz lideraram as quedas do Ibovespa neste pregão.

A Petrobrás informou a ANP (Agência Nacional do Petróleo) uma nova descoberta de indícios de hidrocarbonetos no bloco BM-S-22, localizado na bacia de Santos, litoral do Rio de Janeiro, em lâmina d'água de 2.223 metros. Vale lembrar que nesta porção, Exxon Mobil e Hess também detêm participação.

A Sadia anunciou a demissão de 350 empregados que ocupam cargos administrativos em unidades localizadas em diversos estados do país. De acordo com a empresa, essa medida não terá impactos no volume de produção, já que os cortes não atingirão os trabalhadores das fábricas. As ações PN da Sadia apresentaram desvalorização de 2,65%, por volta das 18h.

No ambiente corporativo internacional, a Chrysler anunciou nesta terça-feira que junto com a Fiat e o fundo de investimentos Cerberus Capital Management assinou acordo para a criação de uma aliança global em que a montadora italiana ficará com participação de 35% na rival norte-americana. A Chrysler informou que a aliança, que será um elemento importante no plano de viabilidade da empresa, vai dar à empresa acesso a plataformas de veículos com consumo eficiente de combustível, motores e componentes que serão produzidos em suas próprias fábricas. A Fiat receberá inicialmente uma participação de 35% na Chrysler e a aliança não envolve um investimento em dinheiro da Fiat na Chrysler e nem um compromisso de financiamento na Chrysler no futuro.

Diante do clima pessimista e da queda das commodities no mercado internacional, outro destaque de queda foram os papéis da mineradora BHP Billiton, que caíram 4,7% em Sydney neste pregão. A BHP Billiton cortará 6 mil empregos e fechará sua mina gigante de níquel de Ravensthorpe, na Austrália, sofrendo uma baixa contábil de 1,6 bilhão de dólares. Até agora, a maior

mineradora do mundo tinha conseguido se manter a parte, mantendo sua produção, mas conforme ficou cada vez mais aparente que não há solução rápida para a queda nos preços das commodities, a BHP acabou sendo forçada a fazer o que resistiu por algum tempo: fechar minas e cortar empregos. A rival Rio Tinto já está eliminando 14 mil empregos, a Vale cortou 1.300 e colocou outros 5.500 funcionários em licença remunerada. Outras mineradoras também alertaram que empregos estão em risco.

Na quarta-feira, a alta da Bovespa de 3,41%, chegando aos 38.542 pontos, se justifica como recuperação pela forte queda da terça-feira, e pela alta nas commodities lá fora, como o setor de petróleo que subiu 7% no mundo, favorecendo a bolsa brasileira. Para completar, as bolsas nos Estados Unidos subiram e os bancos voltaram a subir: no S&P500, cerca de 10% (após queda de 16% na terça-feira).

Na mercado acionário da Ásia, as principais bolsas encerraram em queda na quarta-feira, influenciadas pelas preocupações ligadas ao setor financeiro europeu e pelo mau desempenho de terça-feira das bolsas norte-americanas. A bolsa de valores de Tóquio apresentou recuo de 2%, enquanto que a bolsa de Hong Kong encerrou com desvalorização de 2,9%.

Na Europa, as bolsas operaram em direções distintas na quarta-feira. Apesar da alta das ações de bancos, o setor financeiro continua trazendo cautela aos investidores. A bolsa de valores de Paris apresentou queda de 0,67%, e a bolsa de Londres caiu 0,77%. A bolsa da Alemanha foi a exceção e encerrou em alta de 0,50%.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram em forte alta no dia seguinte à posse do novo presidente, Barack Obama. Apesar das preocupações com o setor financeiro ainda existirem, os investidores analisaram alguns resultados de empresas locais

do quarto trimestre de 2008, que vieram acima do esperado, com destaque para o surpreendente lucro de 12% apresentado pela IBM.

No plano corporativo aqui no Brasil, as ações PNB da Aracruz e PN da Votorantim Papel e Celulose (VCP) lideraram as desvalorizações do Ibovespa neste pregão. Apesar de terça-feira ter sido confirmado que a VCP adquiriu cerca de 28% da Aracruz por um montante de R\$ 2,71 bilhões, os termos desta operação estão em discussão, já que segundo análise feita por especialistas, os acionistas minoritários deverão ser prejudicados.

Os papéis ON e PN da Petrobrás apresentaram alta. As ações da estatal brasileira reagiram positivamente à valorização do preço do barril de petróleo no mercado internacional. Na Nymex, a commodity fechou o dia com alta de 6,64%, sendo cotada a US\$ 43,55.

As ações ON e PN da Tim lideraram as valorizações do Ibovespa neste pregão. A companhia confirmou na quarta-feira o nome do italiano Luca Luciani para a presidência da Tim Brasil, o que amenizou um pouco os boatos de que a Telecom Itália estaria vendendo suas operações no Brasil a fim de aliviar a situação financeira de sua matriz.

Na ambiente corporativo internacional, a sueca Ericsson, maior fabricante mundial de equipamentos de rede de telecomunicações, viu o lucro líquido cair 31% no quarto trimestre de 2008, para 3,89 bilhões de coroas (US\$ 462,8 milhões). A empresa antecipou a divulgação dos resultados em uma semana e anunciou ainda que, para reduzir custos frente à crise mundial, vai demitir 5 mil funcionários, entre consultores, temporários e efetivados. Mil demissões ocorrerão na Suécia, onde a Ericsson emprega 20 mil pessoas. Em todo o mundo, são quase 79 mil funcionários.

Ademais, duas gigantes do setor aéreo dos Estados Unidos divulgaram que fecharam o quarto trimestre do ano passado com prejuízo, diante da forte volatilidade dos preços dos combustíveis e da queda de demanda por conta da crise econômica mundial.

A AMR, holding que controla a American Airlines, informou na manhã da quarta-feira que teve perda líquida de US\$ 340 milhões entre outubro e dezembro passado, ante um prejuízo de US\$ 69 milhões um ano antes. No mesmo intervalo, a receita da empresa caiu 3,1%, para US\$ 5,5 bilhões.

Também divulgando os resultados na quarta-feira, a UAL Corp, dona da United Airlines, teve prejuízo de US\$ 1,3 bilhão no quarto trimestre do ano passado, ante perda líquida de US\$ 53 milhões no mesmo período de 2007. A receita total da empresa recuou 9,6% nesta comparação, para US\$ 4,547 bilhões.

Na quinta-feira, a Bovespa e as bolsas americanas tiveram um dia negativo. Aqui, a bolsa fechou em queda de 1,68%, aos 37.894 pontos. Lá fora, o Dow Jones caiu 1,28%, o S&P500 perdeu 1,52% e o Nasdaq perdeu 2,76%. O motivo foram os dados ruins da economia americana e de empresas. Os dados da economia ainda assustam os mercados, ainda mais com o temor de nova crise nos bancos. Nem Obama, e nem o Copom por aqui, conseguiram melhorar os ânimos.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas fecharam em alta na quinta-feira, acompanhando o otimismo verificado na véspera, quando as principais bolsas do mundo encerraram com expressivas valorizações. A bolsa de valores de Tóquio apresentou avanço de 1,89% e a de Hong Kong encerrou com valorização de 0,59%.

Na Europa, as bolsas inverteram o sinal positivo da manhã e encerraram em queda na quinta-feira. Os investidores voltaram a se preocupar com o enfraquecimento da economia global, porém, os avanços de alguns papéis ligados ao setor financeiro limitaram maiores perdas. A bolsa de valores de Paris

apresentou queda de 1,24%, a da Alemanha encerrou com recuo de 0,98% e a de Londres apresentou desvalorização de 0,19%.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram em forte queda nesta sessão. Os investidores avaliaram os resultados ruins apresentados por grandes empresas do setor de tecnologia, além da divulgação de importantes indicadores econômicos, que demonstraram enfraquecimento econômico.

Entre as notícias corporativas aqui no Brasil, a Vale divulgou alguns dados sobre sua produção de minério de ferro, além dos números sobre investimentos referentes ao ano de 2008. A mineradora brasileira informou que foram produzidas 301,70 milhões de toneladas de minério de ferro, o que representa um recuo de 0,5% quando comparado com o ano de 2007. Já os investimentos da Vale no ano passado, excluindo aquisições, somaram US\$ 10,17 bilhões, um recorde para a companhia. Na comparação com os US\$ 7,63 bilhões registrados em 2007, o crescimento foi de 33%. Além disso, a Vale confirmou a assinatura de um contrato com três estaleiros nacionais para a construção de 15 novos rebocadores e dois comboios fluviais (32 barcaças e dois empurradores), totalizando 49 embarcações. De acordo com a notícia, com essa encomenda a Vale investirá cerca de R\$ 398,60 milhões e deve gerar aproximadamente 2.370 empregos.

O Banco do Brasil protocolou, no último dia 19, o pedido de registro de oferta pública de aquisição (OPA) de ações do Banco Nossa Caixa na Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Segundo o fato relevante, o Banco do Brasil pagará aos acionistas minoritários da Nossa Caixa que aderirem à oferta, 100% do preço a ser pago ao Estado de São Paulo. Os papéis ON do Banco do Brasil fecharam em queda de 1,45%. Já as ações ON do banco Nossa Caixa apresentaram desvalorização de 1,37%.

No ambiente corporativo internacional, a empresa de leilões na internet eBay fechou o quarto trimestre de 2008 com ganho de US\$ 367 milhões, montante 31% menor do que o do mesmo intervalo de 2007 (US\$ 531 milhões) Foi a primeira queda na comparação anual já registrada pela companhia. O resultado, porém, inclui despesas extraordinárias relacionadas a opções de ações (stock options). Se fossem descontadas, o ganho trimestral teria sido de US\$ 524 milhões. Ainda assim, menor do que o do último trimestre de 2007. As receitas líquidas caíram 6,6% nessa comparação, para US\$ 2,04 bilhões. Segundo a empresa, as vendas de fim de ano sofreram o impacto do dólar mais forte e da crise econômica global. A competição crescente no segmento de leilões online também tem afetado a eBay. A empresa projeta registrar no primeiro trimestre de 2009 uma receita entre US\$ 1,8 bilhão e US\$ 2,05 bilhões e ganho por ação entre US\$ 0,32 e US\$ 0,34. Essas previsões estão abaixo do esperado pelos analistas de Wall Street.

A maior fabricante de celulares do mundo, a Nokia, divulgou na quinta-feira resultado trimestral abaixo do esperado e alertou o mercado que as vendas em volume do mercado mundial devem cair cerca de 10% com a crise internacional afetando a demanda dos consumidores.

A Microsoft divulgou queda no lucro líquido do quarto trimestre e, na quinta-feira, suas ações chegaram a cair 10% lá fora. A Microsoft anunciou na quinta-feira que vai demitir 5 mil pessoas em 2009 e 2010. É a primeira vez que a companhia adota um programa tão agressivo de demissões, cerca de 5% do total de funcionários. Ainda na quinta-feira, 1.400 pessoas foram demitidas. A notícia veio acompanhada do anúncio da queda de 11% no lucro líquido da empresa no quarto trimestre, na comparação com o anterior. A demanda por softwares em todo mundo também caiu em função da crise. A empresa pretende economizar US\$ 1,5 bilhão por ano com a redução do quadro de funcionários.

Finalmente, na sexta-feira, depois de um dia de muita volatilidade, a Bovespa fechou em alta de 0,63%, aos 38.132 pontos. Entre a máxima do dia, 38.660, e a mínima, 36.743, a diferença foi de 1.917 pontos, mostrando um comportamento nada uniforme. Um banco lá fora recomendou a compra da Vale e puxou a Bovespa pra cima e, se não fosse o comportamento ruim do setor siderúrgico com redução na produção em todo o mundo, a Bovespa teria uma alta. Além disso, a Petrobras, que vinha em alta, caiu no fim do pregão, por causa do anúncio de seu plano de investimentos para os próximos anos. O mercado quer saber o que será proposto pela empresa. Durante a tarde, as ações da Petrobras estavam em alta, impulsionadas pela alta do petróleo, que chegou a subir 7% durante o dia.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas encerram a semana no vermelho, estendendo o pessimismo da véspera e sendo fortemente influenciadas pelos resultados corporativos que não agradaram os investidores, principalmente do setor de tecnologia. A Bolsa de Valores de Tóquio fechou com queda de 3,81% e a de Hong Kong com desvalorização de 0,63%.

Na Europa, as principais bolsas fecharam a sexta-feira com perdas, pressionadas pela tensão acerca da saúde da economia mundial e pelos resultados corporativos desagradáveis. O PIB do Reino Unido caiu 1,5% no quarto trimestre do ano passado ante recuo de 0,6% apontado no terceiro trimestre, atingindo o menor patamar em seis anos e caracterizando oficialmente uma recessão. A bolsa de valores de Paris apresentou recuo de 0,71% e a da Alemanha fechou com baixa de 0,96%. Somente a bolsa de Londres apresentou leve valorização, de 0,01%.

Nos Estados Unidos, as bolsas operaram com volatilidade. Sem indicadores econômicos, os investidores voltaram as atenções para a temporada de balanços corporativos que não agradaram, como o da General Electric, e para o discurso de Barack Obama no Congresso.

No ambiente corporativo aqui no Brasil, a Petrobrás informou à Agência Nacional do Petróleo uma nova descoberta de indícios de hidrocarbonetos no bloco SEAL-T-412, situado em Sergipe. A portuguesa Galp Energia também possui participação nesta porção. Apesar dessa notícia, as ações ON e PN da estatal apresentaram queda, influenciadas pela queda do petróleo no mercado internacional.

A Vale informou, na noite de quinta-feira, que está negociando com a Woodside Energia Investimentos em Exploração de Petróleo a compra de metade de sua participação nos blocos BM-S-48 e BM-S-55, na Bacia de Santos, dando assim mais um passo para consolidar sua entrada no setor de gás natural. Com a compra, a Vale se tornará sócia, com 12,5% de participação nos blocos, da Petrobrás, Repsol YPF e da própria Woodside. A aquisição só se concretizará com a aprovação da Agência Nacional de Petróleo.

As ações ON e PN da Tim Participações estiveram entre as maiores altas do Ibovespa neste pregão. Os papéis subiram diante da notícia de que a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) decidiu que a Telco, controladora da Telecom Itália, deverá lançar uma Oferta Pública de Aquisição (OPA) aos acionistas minoritários da Tim.

No ambiente corporativo internacional, a coreana Samsung Electronics teve no quarto trimestre de 2008 seu primeiro prejuízo desde que começou a divulgar balanços, em 2000. A gigante do ramo de eletroeletrônicos perdeu 22 bilhões de won (US\$ 16 milhões), contra um lucro de 2,21 trilhões de won (US\$ 1,5 bilhão) no mesmo período de 2007. A receita aumentou 5,5%, para 18,5 trilhões de won. Mas a diminuição do consumo por conta da crise econômica empurrou os preços para baixo e diminuiu as margens de lucro da companhia. A Samsung é a maior fabricante mundial de chips de memória e de televisores de cristal líquido, além de ser a segunda maior na produção de celulares.

A General Electric registrou uma queda de 44% em seu lucro trimestral, marcando o fechamento de um dos exercícios mais difíceis dos 117 anos de história do conglomerado norte-americano. A maior fabricante de motores de jatos e turbinas elétricas informou na sexta-feira que seu lucro ficou em 3,72 bilhões de dólares, ou 0,35 dólar por ação diluída, ante lucro de 6,7 bilhões de dólares, ou 0,66 dólar por ação diluída, no mesmo período do ano passado. As receitas caíram 4,8%. As ações do conglomerado tombaram cerca de 60% no ano passado, apagando cerca de 200 bilhões de dólares em valor de mercado da empresa.

A Xerox, principal fornecedora de impressoras digitais e serviços de administração de documentos, informou na sexta-feira que seu lucro trimestral recuou fortemente, prejudicado por reestruturação de custos e vendas fracas de equipamentos. A companhia disse que a receita líquida para o quarto trimestre foi de 1 milhão de dólares, ante 382 milhões de dólares um ano antes. A Xerox, no final do ano passado, anunciou um plano de reestruturação que inclui cerca de 3.000 cortes de empregos, destinados a economizar 200 milhões de dólares em 2009. No quarto trimestre, os custos de reestruturação foram de 0,27 dólar por ação. A receita da empresa caiu para 4,37 bilhões de dólares ante 4,88 bilhões de dólares um ano antes.

Ibovespa - Maiores na SEMANA

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Tim Part. S.A. ON	6,90	29,21	Aracruz PNB	2,13	-19,93
Telesp Atual PN	43,99	8,21	Vcp PN	14,34	-16,58
Duralex PN	15,28	7,60	Lojas Renner ON	14,90	-16,43
Tim Part. S.A. PN	3,31	6,43	Gafisa ON	10,24	-13,37
Telemar PN	27,99	5,98	Cyrela Realt ON	8,38	-12,53
Natura ON	21,48	5,39	Copel PNB	22,25	-11,36
Transm. Paulista PN	42,00	4,73	JBS ON	4,61	-10,48
Telemar ON	32,50	3,17	Gerdau Met. PN	20,55	-10,10
Klabin S.A. PN	3,41	2,71	Cosan ON	9,58	-9,72
Bradespar Pn	22,35	2,66	Perdigao ON	30,50	-8,95

Maiores no ANO

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Tim Part. S.A. ON	6,90	40,53	Vcp PN	14,34	-20,03
Sid. Nacional ON	34,50	18,97	All Amer.Lat. Unit	8,10	-19,00
Vivo PN	32,80	17,79	Telemar ON	32,50	-16,02
Bradespar Pn	22,35	16,52	Cosan ON	9,58	-14,78
Natura ON	21,48	13,10	Aracruz PNB	2,13	-14,46
NET PN	15,00	12,86	Telemar N L PNA	47,85	-13,79
Tim Part. S.A. PN	3,31	12,20	Br.Telecom PN	11,81	-13,41
Embraer ON	9,80	11,23	Telemar PN	27,99	-13,11
Rossi Resid. ON	4,20	11,10	Br.Tel.Part. PN	15,30	-12,12
Vale do Rio Doce PNA	26,30	10,09	Unibanco Unit	13,18	-10,98

Fatos econômicos da semana seguinte

A semana que começa dia 26 de janeiro de 2009 trará muitos eventos na economia doméstica, com destaque para a Ata do COPOM; dados sobre a indústria; sobre a inflação; as notas à imprensa sobre o setor externo, a política monetária e as operações de crédito, e a política fiscal; a reunião mensal da CMN; e o resultado primário do Governo Central. No ambiente externo teremos muitos dados e eventos relevantes, com destaque para a decisão do FOMC sobre taxa de juros, PIB anualizado e consumo pessoal nos Estados Unidos; inflação e desemprego na Zona do Euro; produção industrial e desemprego no Japão.

No Brasil, na segunda-feira o Banco Central apresentará sua Pesquisa semanal Focus e a nota à imprensa sobre o Setor externo de dezembro; a CNI, o índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) do quarto trimestre de 2008; a Secex, a Balança comercial da terceira semana de janeiro; e a Fiesp/Ciesp, o emprego industrial de dezembro. Na terça-feira, a Fipe publicará o IPC da terceira quadrissemana de janeiro; a FGV, a sondagem do consumidor de janeiro; o BACEN, a nota à imprensa sobre Política monetária e operações de crédito de dezembro; e a Funcex, o índice de quantum e preço de dezembro. Na quarta-feira teremos a Pesquisa de Emprego e Desemprego de dezembro pela Seade/Dieese; pelo BACEN, nota à imprensa sobre Política Fiscal de dezembro; pela Fiesp/Ciesp, o INA e NUCI de novembro e dezembro; pelo Tesouro, o resultado primário do Governo Central de dezembro. Na quinta-feira, o IGP-M de janeiro pela FGV; a Ata da última reunião do COPOM; a reunião mensal da CMN; e a Sondagem trimestral da indústria do quarto trimestre de 2008, pela CNI. Na sexta-feira, a FGV publicará a Sondagem da Indústria de Transformação de janeiro.

No exterior, nos Estados Unidos, na segunda-feira, teremos os indicadores antecedentes de dezembro; as vendas de imóveis existentes de dezembro; e o índice de atividade do FED de Chicago. Na terça-feira, teremos a Confiança do

consumidor de janeiro; o índice de preços de imóveis S&P/Case-Schiller de novembro; e o índice de atividade do FED de Richmond de janeiro. Na quarta-feira, teremos os dados semanais do setor hipotecário; estoques semanais de petróleo e derivados; e a decisão sobre juros do FOMC. Na quinta-feira, teremos os pedidos iniciais de auxílio desemprego semanais; os pedidos de bens duráveis de dezembro; e dados de vendas de imóveis novos de dezembro. Na sexta-feira, teremos o PIB anualizado do quarto trimestre de 2008; o consumo pessoal do quarto trimestre de 2008; o PCE Core do quarto trimestre de 2008; o Índice dos gerentes de compra de Chicago de janeiro; e o Índice de Confiança da Universidade de Michigan de janeiro.

Na Zona do Euro, na terça-feira, teremos a conta corrente de novembro. Na quinta-feira, teremos os indicadores de clima para negócios em janeiro. Na sexta-feira, teremos a prévia do CPI de janeiro, e a taxa de desemprego de dezembro.

Considerando exclusivamente a Alemanha dentro da Zona do Euro, na terça-feira teremos o Índice de preços de importação de dezembro, e a pesquisa IFO de janeiro. Na quarta-feira, teremos a prévia do CPI de janeiro. Na quinta-feira, teremos a taxa de desemprego ILO de dezembro.

No Reino Unido, na quinta-feira, teremos a pesquisa de confiança do consumidor GFK de dezembro.

Finalmente, no Japão, na quinta-feira, teremos a prévia da produção industrial de dezembro, e a taxa de desemprego de dezembro.

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

yann.alves@grupofundamentum.com.br

TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para yann.alves@grupofundamentum.com.br. Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.